

MADONNA: ENGAJAMENTO POLÍTICO E REFLEXÕES SOBRE O TEMPO PRESENTE EM *MADAME X*

CICCONE, Madonna. *Madame X*. Lisboa: Interscope Records, 2019. 1 CD.

*Andreza Silva Prado*¹

Ao longo de mais de 35 anos de carreira musical, vários adjetivos foram concedidos a Madonna pela opinião pública. Aos olhos do mundo, ela foi e segue sendo polêmica, ousada, sexual, inovadora, louca, destemida, política e inegavelmente contestadora da sociedade machista, desigual, hipócrita e fundamentalista na qual se encontrou inserida.

Desde os primórdios de sua carreira, a artista sempre fez uso de sua arte em prol da militância pelas causas feminista e LGBTQIA+. A música, para Madonna, sempre foi mais que uma maneira de gerar entretenimento, sendo também seu canal para se expressar, bem como seu instrumento de luta contra todas as formas de opressão, tendo em vista que “é sintomático que muitos artistas tenham se voltado para as questões sociais e políticas dos seus países, embora com diferentes perspectivas” (DUARTE;

¹ Pós-graduanda no curso de especialização *Lato Sensu* em Uso Educacional da Internet pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Graduada em História (Licenciatura) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB, Vitória da Conquista, BA), atuando principalmente nos temas de Muralismo Mexicano e Revolução Mexicana. Integrante do Grupo de Estudos de Ideologia e Lutas de Classes (GEILC)/UESB/CNPQ). Email para contato: andrezapradohist@gmail.com. Endereço para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8497306772164147>.

GONZALEZ, 2007: 49). Diante disso, Madonna posicionou-se contra injustiças sociais contra minorias, sexismo, questionou dogmas religiosos e sistemas políticos.

Ao longo de mais de três décadas de carreira e até então, 13 discos lançados, o principal questionamento era: Madonna, aos 60 anos, ainda seria capaz de se reinventar? A resposta está na produção de qualidade desconcertante de *Madame X*, seu 14º álbum de estúdio, lançado em 14 de junho de 2019.

Em *Madame X*, Madonna surpreende por não se curvar às demandas da indústria *pop* atual. A artista concebeu um álbum conceitual, político, profundo e regado de influências musicais do mundo ao longo das 15 faixas de sua versão *deluxe* e, mesmo que haja alguns momentos mais descontraídos no registro, a produção se mantém consistente, o que contribui para manter a fluidez do disco, apesar da variedade de influências musicais existentes no álbum. A coesão é um elemento tão marcante em *Madame X* que, em determinados momentos do disco, mal percebemos a transição de uma faixa para outra.

No que toca às questões políticas, o álbum veio em um momento extremamente pertinente, uma vez que uma onda de conservadorismo e repressão a minorias assola o mundo nos últimos anos. Não por acaso, o disco foi muito comparado a *American Life* (2003), no qual Madonna externalizou sua revolta em relação à hipocrisia da sociedade estadunidense, que, anestesiada por um nacionalismo cego, assistia à guerra como um verdadeiro espetáculo. O alter ego *Madame X* inclusive, foi um

apelido dado a Madonna pela coreógrafa Martha Graham (1894 – 1991) quando ela tinha 19 anos. No *storytelling* do disco, Madame X é uma espã que segundo Madonna no texto introdutório da obra, percorre o mundo “alterando identidades, lutando pela liberdade, trazendo luz para lugares escuros” através de sua arte. Arte que, a propósito, mais do que delatar um estado de coisas que ferem os mais básicos direitos da dignidade humana, serve também para demonstrar direcionamentos para assim superar situações de opressão. E esse parece ser o objetivo de Madonna com *Madame X*.

O álbum abre com *Medellín*, primeiro *single* e parceria com o cantor colombiano Maluma. A cativante canção consiste em um *reggaeton* estilizado em que Madonna e Maluma, ao longo de versos cantados em inglês e espanhol, discorrem sobre entregar-se a um novo amor, abandonando qualquer traço de dor do passado.

Dark Ballet traz uma atmosfera densa e pesada que se contrapõe à faixa anterior. Aqui, Madonna usa referências clássicas em uma ode a heroína francesa Joana d'Arc, a guerreira que lutou na Guerra dos Cem Anos, liderando as tropas de Carlos VII em conquistas relevantes e que, aprisionada pelos ingleses, foi condenada à morte na fogueira por bruxaria aos 19 anos de idade. O videoclipe, inclusive, trata justamente sobre o Tribunal da Santa Inquisição e na produção audiovisual, Joana d'Arc é um personagem gay, negro e soropositivo que, interpretado pelo rapper e ativista Mykki Blanco, é queimado vivo assim como d'Arc, representando uma minoria oprimida pela sociedade e pela religião, uma inteligente

analogia crítica ilustrada por uma produção visual que é um show de fotografia à parte.

A atmosfera melancólica e contestadora segue com *God Control*, faixa na qual Madonna crava críticas ao sistema que rege o mundo e aos governos que oprimem o povo, além de criticar a indústria armamentista nos Estados Unidos.

As referências religiosas seguem nessa faixa através de um sofisticado coral gospel que evolui para uma faixa *dance*, enquanto o videoclipe da canção traz um manifesto da cantora pelo controle do porte de armas, ao passo em que a produção visual contempla várias referências: as cenas do tiroteio na boate, por exemplo, são uma alusão à tragédia ocorrida na boate *Pulse*, em Orlando, no ano de 2016, quando o atirador Omar Mateen invadiu o local e abriu fogo, matando 50 pessoas e ferindo outras 53; já as cenas dos manifestantes tem o propósito de criticar as ações da Associação Nacional de Rifles (NRA). Em *God Control*, Madonna lamenta:

Quando eles falam sobre reformas, fazem-me gargalhar. / Eles fingem ajudar, fazem-me gargalhar / Eu acredito entender a razão pela qual pessoas pegam em armas / Acredito entender o porquê de desistirmos / Todo dia eles têm algum tipo de vitória / Sangue inocente, espalhado em todo lugar / Eles dizem que precisamos de amor / Mas precisamos de mais que isso / Nós perdemos o controle divino.

Dando seguimento à narrativa de protesto que permeia o álbum, *Future* é embalada por um *reggae* cuja letra fala de aprender com os erros do passado e assim transformar o futuro. Aqui, Madonna reflete sobre a importância da memória, e é justamente por não dar a devida atenção a esta, que chegamos, por exemplo, à conjuntura política em que o Brasil se encontra hoje. A artista alerta:

Nem todo mundo chegará ao futuro / Nem todo mundo
aprenderá com o passado / Nem todo mundo consegue entrar
no futuro / Nem todo mundo aqui irá durar.

Batuka é uma das joias em *Madame X*. A produção impecável tem um instrumental envolvente e as preces das batukadeiras africanas de Cabo Verde fascinam e enriquecem culturalmente a canção, bem como são um ponto que torna as influências culturais do disco mais diversificadas. O batuque é patrimônio imaterial do povo de Cabo Verde, sendo um estilo musical e de dança formado por mulheres que cantam sem fazer uso de instrumentos.

No videoclipe de *Batuka*, Madonna promove um resgate histórico das batukadeiras, não deixando de citar que o estilo, além de ser extremamente importante para a cultura local, consiste em um verdadeiro ato de resistência, uma vez que o Batuque, no período colonial, foi proibido pela Igreja Católica, sendo taxado como culto ao demônio e feitiçaria. O vídeo de *Batuka* fala sobre patriarcado, escravidão, união, feminismo e inicia-se com naus aproximando-se do litoral, representando os fantasmas

da opressão, que, assim como no período colonial, seguem perseguindo e oprimindo as minorias, na atual conjuntura, em forma de governantes fascistas, polícia, retirada de direitos e censura. A mensagem de Madonna e das batukadeiras é clara: é preciso estar forte e resistir.

Em *Killers Who Are Partyng*, Madonna externaliza a inevitável influência lusa em sua arte - desde 2017, a artista vive em Portugal. O Fado português conduz uma letra forte e de protesto, na qual Madonna se propõe a dar voz e intervir pelos oprimidos: "*Eu serei pobre se eles forem humilhados / Serei gay se eles forem queimados / Serei Islã se eles forem odiados / Israel se eles forem encarcerados*". No refrão, Madonna canta em português "*O mundo é selvagem e o caminho é solitário*".

Do Fado português passamos para o *Trap* de *Crave* (com Swae Lee) e, apesar da mudança da atmosfera musical, a fluidez não abandona o disco. Aqui, Madonna canta o amor e desejo, bem como a necessidade de se entregar a tais sentimentos. O registro tem seguimento com a charmosa *Crazy*, cuja introdução é feita com sanfona (mais influências da música portuguesa) e que evolui para um cativante *R&B* com um refrão também cantado em português e cuja letra relata um relacionamento abusivo. *Crazy* é, com certeza, um dos mais belos registros vocais de Madonna ao longo do álbum.

As duas faixas seguintes, *Come Alive* e *Extreme Occident*, trazem referências à música do Oriente Médio e na segunda canção, novamente temos Madonna cantando em português: "*Aquilo que mais magoa é que eu não estava perdida*".

Em *Faz Gostoso*, parceria com Anitta, temos talvez a mais inusitada faixa do disco (e a mais brusca transição de uma faixa para outra). A canção é um *funk* carioca com uma letra descontraída - Madonna e Anitta cantam sobre um homem que as deixam loucas -, que destoa do caráter mais político e contestador do disco. *Bitch I'm Loka* é mais um *reggaeton* em parceria com Maluma que mantém a linha da faixa anterior em termos líricos e que, a essa altura, se torna a faixa mais dispensável do disco.

I Don't Search I Find é uma daquelas faixas que remetem ao *pop* de Madonna dos anos 1990 (sua base lembra *Vogue*) e mais uma vez, Madonna discorre sobre encontrar o amor. *Looking For Mercy* retoma a aura melancólica e pesada do disco e, ao decorrer desta bela prece de Madonna, a canção evolui para uma marcha quase que transcendental.

A última faixa da versão *deluxe* do álbum, *I Rise*, é mais um grito de protesto dentro do disco. A canção abre com o discurso da jovem militante contra o porte generalizado de armas, Emma Gonzalez: “*Eles dizem que nós, jovens, não sabemos do que falamos. Que somos novos demais para entender como funciona o governo. Nós respondemos: dane-se!*”.

Sob o som de guitarras experimentais, Madonna dá seguimento à canção, descrita pela própria artista como um “tributo à resiliência do espírito humano”, encorajando todos a seguirem lutando e a resistir, encerrando o disco *Madame X* de maneira esperançosa, linda e apoteótica, mostrando que a arte é um instrumento de resistência e luta política e que tal instrumento deve ser amplamente usado para a libertação das amarras opressoras que nos assolam, sobretudo no tempo presente.

Referências

DUARTE, Geni Rosa; GONZALEZ, Emílio. Pensando a América Latina: Música popular, política e ensino de história. In CERRI, Luiz Fernando (org.) *Ensino de Histórias e educação: olhares em convergência*. Ponta Grossa: UEPG, 2007.

Recebido em: 04/03/2021

Aceito em: 19/05/2021